Inclusão de aluna autista na educação infantil: Desafios pedagógicos e sociais[1]

Maria Mikaelle Sousa da Silva[2]

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é um dos desafios enfrentados por gestores de políticas públicas, equipes pedagógicas e pais/responsáveis. Nesse artigo, abordo o processo de inclusão de uma aluna com TEA em uma escola pública do município de Igarapé Açu-PA. Tendo como objetivo geral investigar os desafios enfrentados por duas professoras ao mediarem o ensino e a aprendizagem de crianças autista em sala de aula. Metodologicamente, fez-se a aplicação de uma entrevista aberta com perguntadas voltadas a atuação do professor em sala de aula, desafios do dia a dia, assim como planejamento das aulas e que estratégias buscavam para promover a interação social. A pesquisa com abordagem narrativa é entendida como uma forma de compreensão da experiencia humana. Nesta perspectiva, a pesquisa narrativa proporciona vivenciar como é trabalhar com uma criança autista, em especial, participar da aprendizagem. O TEA é um transtorno caracterizado por dificuldades nas habilidades sociocomunicativas, como a comunicação e interação social, e no comportamento devido a interesses ou padrões de atividades restritivos. A aluna apresenta falta de concentração, a ausência de socialização, mudanças repentinas de humor, comunicação por gestos, pois a aluna é não verbal e está em desenvolvimento da fala. Ressalta-se, o próprio conhecimento das professoras sobre o transtorno, sobre a sua atuação como profissional, o processo de socialização da aluna em questão, como a escola se coloca diante do ensino da educação inclusiva. Através das narrativas das professoras ficou evidente que existem desafios a serem superados, além das formações continuadas aos profissionais. É de suma importância que o professor desenvolva habilidades e potencialidades para que sejam superados os desafios em sala de aula ao atuarem na educação de alunos autistas.
Palavras-chaves: Autismo; Inclusão; formação de professores.

[1] Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sob orientação do prof. Adriano Sales dos Santos Silva, apresentado a Faculdade de Pedagogia – Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Castanhal produzido em formato de Artigo de acordo com a Instrução Normativa nº 01/2023 – PROEG/UFPA.

[2] Discente concluinte do Curso de Pedagogia UFPA/Campus Castanhal, turma de 2019.

Palavras Iniciais: a vida e a escola ensinando sobre inclusão

O processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar é um dos desafios enfrentados por gestores de políticas públicas, equipes pedagógicas das Secretarias de Educação e das escolas, além, é claro, dos pais/responsáveis.

Nesta pesquisa abordo o processo de inclusão de uma aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma escola pública do município de Igarapé Açu, Estado do Pará, tendo como principal motivação a convivência, no âmbito familiar, com uma criança autista, minha sobrinha, de quatro anos, estudante da educação Infantil.

No decorrer do curso de Pedagogia, a temática da educação especial me despertou o interesse em conhecer mais sobre o espectro do autismo, assim como, a atuação dos professores em sala de aula com uma criança autista, as principais dificuldades enfrentadas e estratégias pedagógicas desenvolvidas. Antes da minha sobrinha nascer não tinha convívio direto com uma criança com TEA e, portanto, não sabia como estabelecer vínculos ou lidar com crianças autistas, a não ser, em teoria.

A partir da convivência com ela, em especial, pude conhecer de perto os desafios enfrentados pelos responsáveis por crianças autistas no dia a dia e o quanto é importante a relação da família com a escola, a comunicação que precisam ter para que a criança com TEA se desenvolva e seja incluída na sociedade.

Nesse sentido, tenho como objetivo geral deste estudo investigar os desafios enfrentados por duas professoras de uma escola pública ao mediarem o ensino e as aprendizagens com criança autista em sala de aula. Para atingir tal objetivo, optei pela abordagem da pesquisa narrativa de modo a valorizar os relatos das colaboradoras da pesquisa. Para a obtenção dos dados, tive como colaboradoras a professora Andreia que é a titular da sala, a professora Laura que é auxiliar de sala e a aluna Keylane, minha sobrinha.

A escolha da escola em questão se deu pelo fato da minha sobrinha ser aluna dela e também pelo excelente trabalho das professoras no seu processo de inclusão e desenvolvimento da sua autonomia.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de pesquisa de campo, utilizando a entrevista aberta com questões relacionadas a experiência dos professores em sala de aula com alunos autistas,

buscando conhecer suas principais dificuldades em trabalhar com essas crianças e quais métodos eram utilizados no dia a dia. Essa abordagem aos professores teve a finalidade de coletar informações mais precisas e consistentes a respeito das estratégias utilizadas na sala de aula e os principais desafios do professor para uma inclusão de qualidade. As entrevistas foram gravadas por áudios e transcritas na íntegra.

OPÇÕES METODOLÓGICAS

A pesquisa com abordagem narrativa é entendida como uma forma de compreensão da experiência humana, pois trata-se do estudo de histórias vividas e proporciona ao pesquisador vivenciar essas experiências, visto que "uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores" (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18). Segundo os autores, o papel do pesquisador é entender os textos e a partir do seu entendimento criar novos textos. Os dados coletados na pesquisa podem ser obtidos de forma oral ou por escrita, o pesquisador é quem vai decidir qual melhor forma se adequa a sua pesquisa. "As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades" (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 27).

A escola fica localizada na Vila São Jorge Km18 zona rural do município de Igarapé-açu, é composta por seis salas de sala, sala de diretoria, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), biblioteca, sala de leitura, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria e pátio coberto. O seu atendimento se dá no período matutino, vespertino e noturno, atendendo a pré-escola e o ensino fundamental até o 9° ano no período matutino e vespertino e atendendo a EJA no período da noite.

Referente a estrutura física, podemos considerar que a escola é um espaço bem estruturado e que atende as necessidades de seus alunos. Porém não basta somente uma boa estrutura para garantir que o trabalho dos profissionais gere resultados positivos.

O processo de seleção das colaboradoras foi fácil, pois a partir do contato com a mãe da Keylane já consegui conversar com as professoras e falar sobre a minha proposta de pesquisa. As professoras se mostraram dispostas a contribuírem com o que fosse necessário para pesquisa. No

decorrer do artigo será usado o nome verdadeiro das participantes e da escola, pois tanto a Direção, as professoras, quanto a mãe me autorizaram a utilizar.

Professora Andreia – titular, formada em licenciatura em História pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), formada em pedagogia pela faculdade Pan Amazônica (FAPAM). A professora leciona a 14 (quatorze) anos, mas na educação infantil está atuando há 4 (quatro) anos. Nos relatos podemos observar que a professora nunca teve em sua turma uma aluna autista antes da Keylane. A professora Andreia mostrou ser calma, paciente com as crianças, ter uma comunicação muito boa com as crianças principalmente com a Keylane, demonstra ter empatia com os alunos e que está aprendendo a cada dia com eles.

Professora Laura – auxiliar, formada em Pedagogia, especialista em Educação Especial e Inclusiva, está atuando na escola a pouco mais de um ano. A professora acompanha Keylane e os demais alunos desde o início do ano. A professora Laura é uma profissional organizada, valoriza muito o diálogo com os pais, gosta de planejar bem suas atividades, busca sempre conversar com os alunos para saber como estão se sentido, é carinhosa e busca sempre fazer o seu melhor para contribuir com o aprendizado de seus alunos.

A menina Keylane tem quatro anos, estuda na educação infantil no período vespertino e está matriculada na escola pesquisada desde o ano letivo de 2022. A aluna frequentou uma creche antes de ser matriculada na escola atual. Pertence a uma família da classe baixa. A Keylane tem mais quatro irmãos. É um tanto difícil de lidar com seu humor. Já iniciou na escola com o laudo de autismo e no início foi difícil para a família aceitar o diagnóstico, mas com o passar do tempo, aceitaram.

A aluna apresenta falta de concentração, mudanças repentinas de humor, comunicação por gestos, pois a aluna é não verbal e está desenvolvendo a fala agora. Além disso, verifica-se uma ausência de socialização com os demais colegas da sala. A aluna tem interesse por objetos como alfabeto de animais, imita os sons dos animais e a professora tem usado isso no processo de aprendizagem para que o desenvolvimento de sua fala.

Keylane é uma menina alegre, amorosa, inteligente e que sempre está aprendendo algo novo, seja na escola ou em casa, gosta de atenção, gosta de brincar e durante a pesquisa tivemos um grande avanço no que se refere a fala, pois está aprendendo várias palavras o que faz com que nosso coração se aqueça de tanta alegria.

Neste artigo serão abordados os seguintes subtópicos, que irão conduzir o leitor para a compreensão da pesquisa: 1) **Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista(TEA)**, onde apresento os principais conceitos do autismo, as leis que amparam o autismo na escola e relatos das colaboradoras da pesquisa; 2) **Ser professora de aluno Autista na Educação Infantil**, em que discuto como é feito o planejamento da aulas segundo as narrativas das professoras e quais suas principais dificuldades e desafios enfrentados no contexto da pesquisa; 3) **Parceria da família e escola da aluna autista no cotidiano escolar**, trago reflexões de como a família pode contribuir nesse processo de inclusão escolar; 4) **Análise e discussão a partir das narrativas**, neste tópico analiso os dados que constituem a pesquisa, desafios relacionados a prática docente e a importância da formação continuada. E, finalizando o relato desta pesquisa, trago as **Palavras finais de uma experiência que deixará aprendizados por toda vida**, em que sintetizo as conclusões de tão relevante experiência em minha formação pessoal e acadêmica.

Nesta perspectiva, optei pela pesquisa narrativa a qual me proporcionou vivenciar como é trabalhar com uma criança autista, em especial participar da aprendizagem da minha sobrinha não só como tia, mas como pedagoga em formação. A partir das experiências das professoras conheci a realidade da escola, principalmente no que se refere a educação especial, consegui enxergar as barreiras que são enfrentadas por essas profissionais todos os dias e pude ver na prática como realizam seu trabalho, seja no planejamento das suas aulas, seja no seu convívio com as crianças, na relação com os pais. Além disso, optei por esse tipo de pesquisa, porque a temática desse presente artigo tem um peso emocionalmente significativo para mim, por se tratar de um estudo de caso relacionado a minha sobrinha, por isso escolhi abordar da forma mais delicada possível.

Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A escola caracteriza-se como um importante espaço para o desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas de crianças, inclusive daquelas com transtorno do espectro do autismo (TEA). O TEA é um transtorno caracterizado por dificuldades nas habilidades sociocomunicativas, como a comunicação e interação social, e no comportamento devido a interesses ou padrões de atividades restritivos (APA, 2013).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (**APA, 2013**) os sintomas surgem no início da primeira infância e prejudicam ou limitam o funcionamento do

indivíduo. A escola torna-se um novo meio de estimulação para crianças autistas, o que amplia o contexto de sua interação social e contribui para seu desenvolvimento.

Como um marco mundialmente do processo de inclusão, inicia com o debate sobre a inclusão escolar de pessoas com deficiência a partir da Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem (UNESCO, 1990), bem como da Declaração de Salamanca em 1994, na qual se discutiu a atenção educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais.

No Brasil, as necessidades educacionais individuais das crianças devem ser igualmente atendidas como prevê a Constituição Federal de 1988, assim como na Lei nº 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) que no artigo 5 garante o "atendimento especial aos deficientes, preferencialmente na rede regular de ensino". Os princípios da educação inclusiva foram incluídos a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI).

Desde 2008, quando foi elaborada a PNEEPEI, o acesso ao ensino regular a esse público foi fortalecido, bem como a definição de que os serviços de apoio, como educação que se torna complementar para os deficientes ou para indivíduos superdotados ou com altas habilidades. Além disso, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, assegura o direito ao acesso, à permanência, à participação e à aprendizagem em todos os níveis e modalidades de ensino.

Com isso, o sistema educacional precisou se reorganizar numa perspectiva da inclusão escolar, com uma visão interdisciplinar, com foco no processo de aprendizagem de cada indivíduo, assim como pensar numa flexibilização curricular. São muitos os desafios que cercam a aprendizagem dos alunos autistas, para que o aluno alcance seu potencial e se desenvolva de forma mais plena possível, a escola deve transformar sua estrutura e desenhar novos métodos de ensino para que o desenvolvimento dos alunos seja possível.

A inclusão de crianças com TEA na escola não se trata apenas dos direitos dessas crianças de frequentar a escola regular, mas como os professores podem fornecer formação adequada que atenda às necessidades educacionais e, assim, garantir o desenvolvimento e permanência na escola. A aprendizagem de alunos com TEA requer adaptações para enfrentar métodos tradicionais de ensino.

> Trabalhar com autista é uma experiência nova, mas temos que trabalhar mais a inclusão. Me sinto preparada para trabalhar com pessoa autista, sempre procuro me qualificar e busco mecanismos para desenvolver um bom trabalho, busco sempre me aprimorar e refletir sobre o que posso fazer diferente para ser uma pessoa e profissional melhor. Gosto sempre de ter metas claras. Então, todos os dias estabeleço uma meta e se estou conseguindo. A cada dia que chegamos na sala de aula é uma meta nova que buscamos alcançar.
>
> (Professora Laura)

Na fala da professora Laura percebo que apesar de se tratar de uma experiência nova, ela não se intimidou ou se sentiu incapaz de mediar a aprendizagem da aluna, buscou se qualificar cada vez mais para que possa contribuir na aprendizagem dessa criança, o que me chamou atenção nessa fala foi o fato dela mencionar a reflexão sobre si mesma e de que forma poderia melhorar como pessoa e profissional. Essa reflexão sobre si mesmo é de suma importância pois esse autoconhecimento sobre as suas próprias práticas pode trazer ao professor uma maior autonomia e consciência sobre seu trabalho fazendo com que desenvolva estratégias que favoreçam um melhor resultado no trabalho desenvolvido.

Com a Lei Berenice Piana N° 12.764/2012 (BRASIL, 2012), institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. que classifica oficialmente o autismo como uma deficiência e proíbe a recusa de matrícula de crianças com TEA no ensino regular, o número de crianças com TEA nas escolas irá aumentar. Isso demanda mais investimento nos aspectos educacionais dessas crianças dentro do paradigma inclusivo, além de estimular o segmento do mesmo no mercado de trabalho e que o estado forneça um diagnostico precoce, assim como um tratamento adequado.

Estatuto da Pessoa com Deficiência ou Lei Brasileira da Inclusão – LBI (Lei 13.146/2015), conforme o Art. 1 é destinada a assegurar condições de igualdade e o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, garantindo a sua inclusão e cidadania, a LBI tem um conjunto de normas que promovem os direitos das pessoas com deficiência em todo território nacional. No âmbito escolar ela garante ao aluno autista profissionais de apoio, uma educação de qualidade e um sistema de inclusão que o acompanhe por toda a vida.

(Lei 13.146/2015) O decreto nº 7.611/2011 (Brasil, 2011) define o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como um conjunto de atividades, acessibilidades e recursos pedagógicos, organizado de forma institucional e contínua, que completam a formação de alunos

com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento. Para que esses alunos realmente aprendam é necessário que as medidas previstas em lei também sejam cumpridas na prática.

Ademais, o AEE, realizado em salas com recursos multifuncionais, visa também, o atendimento dos educandos com autismo, como um espaço escolar inclusivo, em que todos os educandos convivam com as diferenças. Os alunos com autismo devem estar devidamente matriculados e ativo no AEE, de forma que possa usufruir das atividades e dos recursos pedagógicos disponibilizados na sala de recursos multifuncionais, com a intenção de melhorar seu desenvolvimento global.

Na realidade educacional do Brasil, quando as matrículas nas escolas regulares aumentam, as condições de permanência demonstram desafios que exigem investimento e desafios contínuos, e os recursos de aprendizagem e acessibilidade devem incluir todos os alunos, pois não adianta a escola somente aceitar a matrícula desses alunos é preciso de todo um planejamento voltado para a inclusão deles.

Esses são alguns aspectos que contribuem para uma efetiva inclusão:

> As ações que apresentam sucessos em sistemas inclusivos mostram que é imprescindível alterações em suas práticas passando desde diminuição do número de alunos por classe, [...], plano individual de ensino, melhoria da formação profissional [...], com uma pedagogia centrada na criança baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, e que incorpore conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração e conscientização/ sensibilização. (Capellini, 2001 apud Praça, 2011, p. 58).

Por meio desta pesquisa percebi que para conviver com o autismo, como exemplo da Keylane, é necessário entender a educação especial como um sistema de ensino caracterizado por um público-alvo que exige uma perspectiva diferente, ao receber alunos da educação especial, pois a escola deve se reorganizar para que todos os alunos, principalmente para que os autistas, tenham um desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. Tal fato é evidenciado na fala da professora Andreia no seguinte trecho:

> Não adianta a gente chegar com uma atividade formada para ela. A gente sim, leva uma atividade, vamos supor assim uma atividade de cobrir, mas chega lá ela não quer cobrir aquela atividade, então a partir daí a gente já tem que criar. Sempre tem que ter um segundo plano para ela participar.
>
> (Professora Andreia)

Vale ressaltar a importância da colocação da professora em relação ao interesse do aluno pelas atividades. Levando em consideração o exemplo da Keylane, dificilmente conseguimos fazer com que faça algo que não quer, por exemplo assistir um desenho, se não gostar daquele desenho não vai prestar atenção e o mesmo acontece com as atividades na escola, se não quiser uma atividade de cobrir, logo não vai prestar atenção e consequentemente não vai desenvolver. Então a professora precisa pensar em uma atividade que venha ao encontro de seu interesse, por isso faz-se necessário ter sempre um segundo plano para desenvolver as atividades.

A partir do quadro clínico do autismo e a necessidade de tratamento multidisciplinar, de acordo com o grau de comprometimento, têm a oportunidade de aprender e se integrar à sociedade principalmente devido o papel da escola na vida do aluno com TEA (ALVES et al., 2010). Carvalho e Oliveira (2009) afirmam que crianças com autismo podem se desenvolver no processo de aprendizagem, socialização e interação social.

Considerando que a inclusão de crianças com deficiência necessidades educacionais especiais, especificamente de alunos com autismo, no contexto escolar, podem permitir o desenvolvimento da autonomia e com atividades individuais e motoras, e contato com os outros colegas de sala. Cunha (2014), descreve as atividades que devem ser trabalhadas com o aluno que tem autismo, estas devem possuir caráter terapêutico, social, pedagógico e afetivo. Como por exemplo trabalhos artísticos que estimulam a atenção e concentração dos alunos, utilizar a pintura, o desenho, as atividades com músicas, usar os canais sensórias como principais focos de aprendizagem.

Portanto, a inclusão, se refere tanto as políticas públicas, quanto práticas pedagógicas, que não devem focar apenas no oferecimento do acesso à educação, mas sim, fornecer todos os recursos necessários para que alunos com todos os tipos de deficiência se tornem sujeitos verdadeiramente ativos em sua aprendizagem.

Ser professora de aluno Autista na Educação Infantil

O atendimento de uma criança com TEA exige o planejamento das atividades a serem realizadas e sua integração, este processo integrado tem principalmente um efeito positivo ao aluno com TEA. De acordo com os estudos de Barbosa et al (2013, p.06): “a escola que antes excluía e rejeitava crianças com deficiência, agora se vê desafiada a prover um ensino de qualidade, criando metas para enfrentar e superar as dificuldades encontradas”.

Nas falas da professora Andreia pude observar como se constitui esse planejamento e a necessidade de saber como a criança se sente naquele dia, do que gosta, de como ela sendo professora teve que mudar algumas atitudes, entre outras coisas para servir de incentivo para querer fazer as atividades, segue relato:

> Mudei muito a minha forma de sempre impor regras e dela ter que aceitar aquela regra imediatamente, entendeu? Assim, a gente dá a aula para essas crianças, elas nos ensinam, que precisamos ter sempre segundos planos, temos que conhecer a fundo a realidade da criança, é o meu modo de ter mais paciência com as crianças, e a partir dessa vivência formular minhas atividades de acordo com o que eles estão enxergando.
>
> (Professora Andreia)

Diante desse relato da professora pude observar a importância de conhecer a realidade da criança e a sua personalidade, pois não adianta impor o que ela quer sobre a criança visto que isso nem sempre vai dar certo, e como alternativa a professora busca sempre analisar quais os interesses da criança e partir deste formular atividades que venham a ser desenvolvidas, fazendo com que a criança participe da aula.

Miranda e Filho (2012, p. 12) salientam que, "nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber". A escola desempenha um papel importante no estudo diagnóstico, pois é o primeiro local de interação social das crianças separada dos familiares (SANTOS, 2008). Sobre isso, a professora enfatizou que as crianças aprendem uma com as outras e ela utiliza isso como uma forma de incentivar a comunicação, podemos observar isso na seguinte fala:

> Eu falo que a gente aprende brincando, então é, com a convivência com a criança autista que tem ser mesmo essa aprendizagem brincando, porque a partir daí você vai ver que a criança se desenvolvendo, por meio da socialização, porque principalmente no pré I, como eles chegam, são muito acanhados, muito tímidos. Então você sempre tem que propor atividades que os envolvam na sala toda, porque uns tem mais a facilidade de aprender do que os outros, então quando um aprende vai ensinando um a um, assim começam a fazer uma socialização entre eles, começam se soltar mais.
>
> (Professora Andreia)

Essa fala da professora é de suma importância no que se refere a socialização, pois está sendo notável a evolução da Keylane com o passar do tempo frequentando a escola. É perceptível a evolução de sua socialização com as demais crianças tanto na escola, em casa e em outros ambientes externos. Algumas brincadeiras feitas na escola ela traz para dentro de casa, um exemplo disso é a imitação dos sons dos animais que imita perfeitamente e mostra para a família em casa.

Segundo Gauderer (1987 apud SANTOS 2008 p. 30):

> As crianças com autismo em geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem.

Os alunos autistas apresentam suas especificidades, porém cada aluno se desenvolve de uma forma diferente, alguns se desenvolvem de forma lenta enquanto outros tem uma maior facilidade em aprender, portanto cabe ao educador se adequar a especificidade de cada aluno e desenvolver atividades que auxiliem na interação e no processo de aprendizagem desses alunos.

Ensinar crianças com TEA torna-se desafiador, pelas dificuldades causadas pelo espectro que inclui déficits de comportamento, socialização e comunicação. Entretando, as crianças com TEA são capazes de extrair do meio linguístico e internalizar, assim, utilizar de forma contextual em sua vida social (Pimentel & Fernandes, 2014). Essas dificuldades causadas pelo espectro trazem ao professor um sentimento de medo de lidar com a criança autista, mas que a partir do momento que conhece a criança e seus comportamentos, conseguem compreender melhor as possibilidades.

Fica evidente os sentimentos no relato da professora Andreia ao falar sobre o início do trabalho com a aluna:

> A Keylane quando começou, eu nunca tinha trabalhado com criança autista, e foi um grande desafio porque ela sempre se jogava no chão, atirava as coisas na gente, se emburrava. Então comecei perceber que assim, quando ela faz isso deixa, não fica adulando ‘olha faz isso não sei o que, tu vais ficar aí’. Não, não quer, tipo assim, vou te dar um exemplo da comida: ela olha para comida, não quer merendar. Não quer? Eu digo: Então deixa, você não vai comer, não demora muito ela vai e pega a comida. Tem certas coisas que a gente tem que observar, porque eles sempre voltam atras, é só não ficar adulando muito a criança.
>
> (Professora Andreia)

Sanches e Siqueira (2016) defendem que é necessário um projeto escolar para garantir a inclusão que considera as necessidades e limitações de cada aluno, garantindo o uso de diferentes estratégias de ensino. As ações que podem propiciar a inclusão de crianças com TEA, sendo elas: adaptação curricular; elaboração de relatórios de avaliação e plano de ensino capazes de atender as demandas. Em relação a projetos que venham garantir essa inclusão foi citado o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que atende estudantes com deficiência e com transtornos globais do desenvolvimento. A escola também fornece formações aos professores como as professoras destacaram a nas seguintes falas:

> A escola tem uma área de educação especializada que é o AEE, que oferece cursos e oficinas para os professores e os pais. Então, todos os dias é uma aula diferente, novas conquistas e novos aprendizados, assim como a gente ensina, eles nos ensinam, então é uma troca de experiências.
>
> (Professora Laura)

Para aluna com TEA, um dos desafios escolares que as professoras mencionaram foi a questão da socialização e a dificuldade em cumprir regras, cujo processo exige do professor capacidade para pensar atividades que estimule a sua comunicação. No caso da keylane foi difícil para as professoras pelo fato dela ser não verbal, fazendo com que as professoras observassem suas ações, seus interesses, sua forma de se comunicar através de gestos para poder planejar atividades que ela conseguisse fazer junto com as demais crianças.

> A principal dificuldade que a gente encontra de lidar com as crianças autistas, é sobre sua socialização, porque tem dificuldade em receber regras, de realizar, então tem que ser tudo no tempo deles. Então as nossas estratégias é passar atividades para que ela aprenda algumas regras, de socialização, de convivência para ver qual a reação, a partir dessa reação a gente começa a trabalhar, mas isso é diariamente, todo dia, tem dia que ela vem sem vontade de não fazer qualquer atividade, então tem que estar insistindo, observando o que ela quer fazer na sala de aula e, a partir daí, propor uma atividade, voltada ao dia a dia dela.
>
> (Professora Andreia)

Outro fator, são os recursos pedagógicos, que são importantes para criar estratégias e favorecer a aprendizagem, tanto tecnológicos, como os jogos pedagógicos, brinquedos e instrumentos musicais, estes e outros materiais podem favorecer a produção de textos. Com a aluna com TEA em sala de aula deve-se pensar no trabalho coletivo entre os profissionais que atendem o aluno, na escola e fora dela, como também é essencial os professores procurarem capacitação sobre autismo para atender as demandas do aluno com transtorno do espectro autista.

> A escola oferece todo um suporte para uma criança autista, tem a sala do AEE, um acompanhamento semanal com a criança, sala que tem os jogos educativos, um acompanhamento com uma outra professora para saber como está se desenvolvendo. Há formações para os professores também da educação infantil, tendo palestra com os professores e os pais de criança autista. A escola busca, por diversos meios, ajudar as crianças especiais.
>
> (Professora Andreia)

De outro modo, ainda temos barreiras que interferem, negativamente, no processo de ensino aprendizagem tais como a falta de conscientização sobre o autismo e o preconceito. No enfretamento a tais obstáculos devemos buscar formas de superação, como por exemplo, formações voltadas aos funcionários da escola e para os pais entre outros e assim concretizarmos

um ensino aprendizado que vise o desenvolvimento social, afetivo e intelectual, garantindo e efetivando a participação, presença e aprendizagem do aluno com TEA na sala de aula.

É fundamental que o aluno diagnosticado com autismo aprenda junto com os seus colegas no contexto escolar.

> Eu não procuro diferenciar a criança autista da outra criança que não tenha autismo. Eu e a professora auxiliar procuramos trabalhar todas as atividades de modo inclusivo. Seja uma pintura, nas brincadeiras não tem esse negócio de dizer: Ah, é uma criança autista vai ser a primeira. Vamos fazer a brincadeira ela vai participar. Exemplo a brincadeira da bola, ela quer a bola só para ela, não pode. Orientamos que é todo mundo que vai brincar com aquele brinquedo. Não procuramos fazer alguma coisa só para ela, não. Ela tem que participar de todas as atividades com todas as crianças, a ideia é a não exclusão.
>
> (Professora Andreia)

Essa fala da professora foi muito interessante, pois no caso da Keylane está sendo de total importância trabalhar a aceitação do "não", pois tempos atrás não aceitava uma negação, tudo tinha que ser no tempo dela e do jeito dela. Quando discordávamos, se irritava e arremessa coisas nas pessoas, chorava e gritava muito, mas a partir do momento que a família e a escola começaram a trabalhar isso nela, melhorou sua convivência com as outras crianças, aprendeu a dividir seus brinquedos, começou a nos escultar quando conversávamos com ela. Isto, de certa forma, fez com que seu desenvolvimento na escola tivesse uma melhoria, tanto na aceitação das atividades propostas pelas professoras, quanto sua relação com os demais alunos.

> A dificuldade que vejo é tipo assim: quando a criança autista quer alguma coisa, ela quer. Então você tem que ter maneiras para convencer sobre determinadas coisas. Quando ela quer um brinquedo senão der aquele brinquedo naquela hora, faz birra, se joga no chão, chora. Como professoras e mediadoras temos que ter estratégias de convencimento que aquele brinquedo precisa ser dividido como todas as crianças. Então a dificuldade maior é essa com essas crianças.
>
> (Professora Andreia)

Ressalto que as professoras precisam ter postura flexível com relação ao planejamento e duração das propostas de atividades, relacionadas com o dia a dia da criança, tendo como foco as necessidades específicas do aluno com TEA. As estratégias que os professores podem utilizar com seus alunos autistas, quanto à sensibilidade do sistema sensorial, perpassam por reduzir os estímulos visuais e auditivos na sala de aula, desenvolvendo também jogos que estimulem a linguagem.

> Tem uma brincadeira que a gente faz de "pagar prenda", quando é outro coleguinha que perde, eu digo: Hoje o João vai imitar uma vaca. Então ela quer imitar no lugar dele. Ela

> já está imitando todos os animais. Tem umas musiquinhas que ela não sabe cantar, mas vai abrindo a boca, vai fazendo gesto, ela se desenvolveu bastante.
>
> (Professora Andreia)

A professora Andreia ao perceber o interesse da keylane em imitar os animais usou isso como uma estratégia para incentivar a sua fala, além de incentivar a interação entre as crianças, também usou a música como uma ferramenta pedagógica para estar trabalhando a socialização de seus alunos e desenvolvendo sua autonomia, assim como está trabalhando a timidez entre os alunos.

De acordo com o Instituto Neurosaber (2021), atividades artísticas e sensoriais com diferentes materiais e texturas, trabalham a atenção e concentração, ajuda a desenvolver a consciência corporal e outras técnicas, que respeitem suas especificidades e desenvolvem trocas afetivas além de melhorar as habilidades sociais, assim, focando no desenvolvimento educativo do aluno com TEA.

Parceria da família e escola da aluna autista no cotidiano escolar

A família é de suma importância no desenvolvimento da criança, principalmente da criança autista, pois convive com a criança, conhece suas peculiaridade e interesses. Tais informações fazem uma grande diferença no trabalho do professor. Deste modo, precisam ser repassadas aos professores diariamente para que possam planejar as aulas de acordo com as necessidades da criança. Segue relato da professora Auxiliar em relação ao contato com a família:

> Essa relação entre escola e família sempre tem, buscamos sempre perguntar, quando ela falta, se toma algum medicamento, se tem algum comportamento específico. Sempre conversamos com os responsáveis. Sempre procuramos essa comunicação.
>
> (Professora Laura)

É de suma importância que a família tenha ciência das dificuldades da criança, das suas limitações e que tenha consciência de que o processo de desenvolvimento da criança pode ser lento.

Como pedagoga em formação entendo que a Keylane tem suas dificuldades e tento sempre conversar com os pais dela sobre isso, sobre terem uma dedicação maior as demandas dela, amparar suas necessidades, a buscarem informações para melhorar o processo de inclusão.

Ao conversar com a professora Andreia sobre como a família poderia contribuir neste processo de aprendizagem da Keylane, segue o relato:

> O principal é não deixar essa criança faltar a escola, só se for caso de doença mesmo. Porque na escola ela tem outra rotina. Ela sabe que vai ter que fazer as atividades, sabe que vai ter que respeitar as professoras, vai ter que respeitar os coleguinhas, tem a hora da merenda, tem aquela rotina. E, em casa, é incentivar principalmente no processo de desenvolvimento da fala, quer alguma coisa, pedir para repetir o que ela quer e estimular que ela faça sozinha. Ainda que difícil, principalmente para mãe, não fazer todas as vontades da criança e incentivar em algumas atividades dentro de casa.
>
> (Professora Andreia)

Ao dialogar com a professora constatei que para a família contribuir com o aprendizado da criança autista não é tão difícil quanto pensei que seria, mas que muitas vezes a família não consegue estar fazendo esse acompanhamento, seja por falta de conhecimento da importância dessa prática ou pôr na maioria das vezes não conseguir ter esse tempo voltado para a criança, no entanto a professora reforça que por mais que a família não consiga estar acompanhando, que essa família não deixe de levar a criança para a escola e que se esforce ao máximo para estar incentivando essa criança em casa, seja ajudando nas atividade, incentivando na sua fala e não fazendo todas as vontades da criança, pois as professores criam uma rotina com essa criança e de nada vai adiantar o trabalho das professoras se ele não for introduzido na casa dessa criança.

Análise e discussão a partir das narrativas

De acordo com as respostas, consegui observar que as professoras, apesar de não apresentarem conceitos semelhantes, mostram conhecer o transtorno do espectro do autismo e suas características. Vejamos as respostas de alguns professores:

> A gente tenta tratá-la como trata todas as outras crianças, sem privilégios. Sabemos que tem coisas que ela não pode fazer como as outras crianças. Procuramos trabalhar com a outras crianças que não têm autismo do mesmo jeito que a gente trabalha com ela".
>
> (Professora Andreia)

> Em relação as atividades, são diferenciadas. Fazemos sempre adaptações nas atividades para ela poder acompanhar os demais colegas e sempre trabalhamos a inclusão. A tratamos como qualquer outra criança.
>
> (Professora Laura)

Algumas das características do autismo são a falta de contato e comunicação com os demais colegas, a falta de socialização com as do seu convívio, inclusive com as próprias pessoas da família, a falta de nexo com a realidade do mundo exterior etc.

Nestes depoimentos percebe-se que os professores possuem conhecimento do conceito do autismo, mostrando que já buscaram conhecer melhor sobre este transtorno e suas características. Este conhecimento pode ser favorável no trabalho desenvolvido em sala, na busca de estratégias e no próprio trato com o aluno.

Segundo Gauderer (1993, p. 34) "O Autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. [...]. Uma incapacidade na utilização social da linguagem assim como problemas graves de relacionamento social". Convém destacar a importância de os professores conhecerem bem as características do autismo, o que pode ser considerado benéfico para o processo inclusivo dos alunos. Conforme ainda afirma Gauderer (1993, p. 4), "os sintomas [...] incluem: distúrbio no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas [...]", este transtorno traz sérios desafios ao professor, que para desenvolver bem o seu trabalho, convém conhecer bem as características destas crianças a fim de trabalhar práticas inclusivas com propriedade e segurança, visando o desenvolvimento e aprendizagem. A escola marca a criança, seja ela autista ou não, pelas suas ações.

De acordo com as mediadoras vários são os desafios que enfrentam para efetivar a inclusão de alunos autistas na escola. Pôde-se perceber que embora se fale muito em inclusão de alunos especiais, para elas as dificuldades são várias e que podem resultar em um trabalho não muito adequado para o processo inclusivo. Na realidade ainda existem muitos entraves que dificultam o trabalho realizado pelos professores. Como exemplo, segue a resposta de uma das professoras questionada:

> As principais dificuldades de ensinar é que ela precisa de regras, de combinados, de pequenas regras, por exemplo, ela é uma criança que não gosta muito de ficar em filas. Ela não gosta muito de esperar, de ser contrariada, então vamos negociando regras e essa é a minha dificuldade. A estratégia, nem sempre conseguimos pôr em prática. A minha estratégia principal é fazer atividades diferenciadas e busco sempre fazer combinados, mostrando para ela que tudo tem uma regra e nem tudo é como ela quer.
>
> (Professora Laura)

Esta resposta mostra que a insegurança do professor quanto ao atendimento do aluno autista estar mais vinculada à falta de formação e conhecimento sobre a educação especial.

Segundo Beyer (2007, p. 12), “os professores se sentem despreparados [...]. Faltam a estes uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho”. Estas com certeza são os maiores desafios dos professores no processo da educação inclusiva. A perspectiva da educação inclusiva nacional deve focar não somente a matrícula do aluno na escola, mas também o preparo do contexto da comunidade escolar a fim de recebê-lo e incluí-lo de fato no processo educativo.

> O professor em sala de aula é peça fundamental para que a ação educativa junto aos alunos com necessidades educacionais especiais tenha margem razoável de sucesso. Assim, tanto a formação inicial como a formação continuada do professor em serviço devem englobar conceitos e uma prática pedagógica que criem as condições para uma prática educativa coerente com o projeto inclusivo (BEYER, 2007, p. 80).

Faz-se necessário que a ação do professor seja sempre amparada com um preparo teórico, metodológico e prático que lhe dê segurança para efetivar na sala de aula estratégias inclusivas. Para empregar estratégias de inclusão em sala de aula é preciso conhecê-las bem, saber seus objetivos e, conhecer bem as necessidades de seu aluno. Não se pode utilizar uma estratégia só porque deu certo na sala do outro professor. Devem-se respeitar as peculiaridades e necessidades do aluno especial, empregando meios e/ou adaptando-os para que este se sinta incluído no processo educativo.

Analisando as respostas pude verificar a necessidade de mais formação e conhecimento por parte das professoras em relação a alunos autistas. Falta mais preparo dos professores para que sejam capazes de proporcionar ao aluno autista o que lhe é garantido por lei: O direito de aprender e viver em sociedade. Desta forma, o professor não pode ficar parado, mas deve buscar manter sua formação continuada sempre ativa, agregando novos saberes à sua práxis pedagógica. Assim, terá condições de trabalhar com alunos especiais e incluí-los no contexto da educação inclusiva. Quanto a isso a escola tem dado todo suporte para que essas formações venham acontecer, como ressaltou a professora:

As duas professoras demonstraram um pouco de insegurança por não ter conhecimentos suficientes para trabalhar com alunos autistas, mas que a cada dia estão aprendendo e se aperfeiçoando em relação ao assunto para melhor trabalhar as habilidades necessárias ao seu desenvolvimento.

De acordo com os dados pesquisados, as professoras destacaram a importância do planejamento realizado pela equipe escolar e das metas que são estabelecidas para o desenvolvimento de um trabalho dentro de uma rotina. Vejamos a seguir um depoimento que nos mostra esta concepção:

> Tivemos um grande avanço com ela, hoje ela já interage muito bem com os colegas, ela já começou a dizer algumas palavras, estamos conseguindo trabalhar a coordenação motora através de atividades diferenciadas, atividades adaptadas, então estamos tendo pequenos avanços, é nesses pequenos avanços que nós estamos conseguindo alcançar a nossa meta.
>
> (Professora Laura)

Desta forma, percebo que se aplicam estratégias adequadas para a inclusão desses alunos de forma eficaz e que assim, possam contribuir de maneira significativa capaz de proporcionar aos alunos autistas o desenvolvimento e a inserção na sociedade. A inclusão se concretiza na sala de aula. A visão do professor e suas ações pedagógicas respaldam a perspectiva inclusiva, dando sentido ao trabalho realizado em sala de aula em prol da socialização, integração e desenvolvimento do aluno autista.

> O planejamento cuidadoso do professor deve contemplar estratégias de desenvolvimento para todos os alunos, buscando sempre realizar um trabalho interativo que favoreça a socialização. [...] a educação representa uma experiência pessoal, social e política ampla e abrangente, tendo em vista suas finalidades e implicações para sua qualidade de vida e cidadania. Em se tratando de autismo, as oportunidades educacionais desempenham papel essencial para o desenvolvimento e inclusão social em diferentes contextos, contribuindo para o reconhecimento da pessoa como sujeito no seu ambiente sociocultural. (KELMAN, et al, 2010, p. 221).

Portanto, fica evidente a importância da escola para o desenvolvimento do aluno autista, se tornado um ambiente acolhedor, capaz de lhe favorecer uma possível socialização. Medidas necessárias à inclusão de alunos autistas nas escolas mediante as respostas apresentadas pelas professoras nesta categoria percebeu-se que os avanços e as conquistas que a Política Nacional Especial da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) garante aos alunos autistas, vem se efetivando nas escolas pelas ações, dentre elas destacamos capacitação profissional, adaptação do espaço escolar, recursos e materiais apropriados.

Dentre vários fatores, foi enfatizada que a escola e a família precisam trabalhar juntos, pois é um fator considerado primordial para a qualidade do atendimento aos alunos autistas. No entanto, não podemos esquecer as ações que acontecem no contexto escolar, como o planejamento,

adequação de conteúdo e material, confecção de visual, dentre outros, que podem cooperar significativamente para a inclusão do aluno autista para uma educação efetivamente inclusiva é necessário que o processo educativo seja desenvolvido a partir da recriação da prática pedagógica, da importância dada à ação e à centralidade do sujeito, a flexibilidade da estrutura metodológica, a participação de todos. (BAPTISTA, 2002, p. 109).

Neste sentido, a inclusão de alunos especiais envolve múltiplas ações que devem ser adotadas não só no espaço escolar, mas exigem políticas amplas que envolvam capacitação, formação continuada de docentes e gestores, recursos para adequação de espaços e adquirir materiais didáticos pedagógicos que contribuam para uma ação docente mais dinâmica e atrativa que culminem no desenvolvimento dos alunos especiais. A rede de ensino tem melhorado significativamente em relação a inclusão de alunos especiais, mas ainda precisamos de ações nas diferentes áreas sociais buscando romper com a cultura do preconceito contra as pessoas deficientes, onde as diferenças sejam respeitadas e as necessidades de todos os alunos sejam atendidas.

Palavras finais de uma experiência que deixará aprendizados por toda vida

A inclusão de alunos autistas é um assunto que vem sendo muito discutido nas escolas, com isso, o principal objetivo da pesquisa foi investigar os desafios enfrentados pelas professoras da Escola Padre Antônio Bessa ao lidarem com crianças autistas na sala de aula.

Aponta-se as falas das professoras a partir de suas vivências como é fundamental a metodologia na prática, ao pontuarem que apesar de se tratar de uma experiência nova, buscam meios para mediar a aprendizagem da aluna e qualificando-se. Ademais, buscam refletir sobre si mesmas quanto suas práticas pedagógicas tanto no âmbito pessoal quanto no profissional, essa reflexão sobre seus trabalhos e as necessidades da aluna faz total diferença no aprendizado da Keyllane, pois se preocupam com o seu desenvolvimento e estão buscando a cada dia ferramentas para estarem avançando com o desenvolvimento integral dela.

É fundamental o processo de socialização, como destacado pelas professoras, por exemplo quando as crianças aprendem uma com as outras, isso também, corrobora para incentivar a comunicação. Desse modo, destaca-se a evolução da keylane ao frequentar a escola, sendo perceptível sua evolução e socialização na escola, em casa e em outros ambientes. Pontuamos como fundamental, a escola fornecer formações aos professores, e estes, procurarem capacitação.

Observei os desafios a serem superados como a insegurança do professor quanto ao atendimento do aluno autista, e assim os professores buscarem mais formação e conhecimento. Além disso, as práticas pedagógicas são buscar estratégias adequadas para a inclusão de alunos autistas. Através de suas narrativas ficou evidente que existem desafios a serem superados, mas que a escola está buscando formações para os profissionais que atuam na escola.

Ao longo das conversas com as professoras percebi que tinham sim conhecimento sobre o autismo por mais que fosse uma experiência nova para ambas, constatei também que estão em busca de mais conhecimento sobre o assunto, seja através de palestras, de cursos e eventos ofertados pela escola. Esse interesse das educadoras em buscar conhecimento tem contribuído para o aprendizado da aluna em questão, pois é notável o seu desenvolvimento na fala e na convivência com as demais crianças. É de suma importância que o professor desenvolva habilidades e potencialidades para que sejam superados os desafios em sala de aula ao atuarem na educação de alunos autistas.

Quanto a mim como pedagoga tem sido um prazeroso de conhecer mais a fundo os desafios e as dádivas de trabalhar com alunos autistas, pois por meio dessa pesquisa percebi o quanto é importante e enriquecedor essa troca de conhecimentos entre profissionais da área da educação. Por fim, lidar com crianças autistas, como foi evidenciado por meio do estudo de caso da aluna Keylane, não se trata apenas de um desafio, mas de uma aprendizagem diária sobre educação inclusiva.

Referências

ALVES, M. de M. C.; LISBOA, D. de O.; LISBOA, D. de O. **Autismo e inclusão escolar. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**, 4., 2010, Sergipe. *Anais*... Sergipe: UFS, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023

BAPTISTA, C. R. **A inclusão e seus sentidos: entre edifícios e tendas**. In: BPTISTA, C. R. (org). Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 93).

BARBOSA, A. M. et al**. O Papel do Professor Frente á Inclusão de Crianças com Autismo**. 2013. XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf>;. Acesso em: 12 nov. 2023.

BEYER, H. O. **A educação inclusiva: resinificando conceitos e práticas da educação especial**: Revista inclusão, v. 2, 8-12. 2007.

BRASIL, **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 25 de nov. 2023.

CARVALHO, R. de; OLIVEIRA, S. de F. **Inclusão e escolarização de alunos autistas.** ***Pedagogia em Ação*****, Belo Horizonte**, v. 1, n. 1, p. 111-141, jan./jun. 2009. Disponível em:<http://www.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20120912121103.pdf?PHPSESSID=a3f2d233cab7cff4bb969664bf59d333>. Acesso em: 11 nov. 2023.

CUNHA. Eugênio. Autismo e Inclusão – **Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014

CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2016.

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011.

KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - **Organizadoras. Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010.

MANUAL DOS DIREITOS PESSOA COM AUTISMO. Prefeitura do estado de São Paulo. Ano de 2022. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/escoladoparlamento/wp-content/uploads/sites/5/2021/11/Manual-dos-Direitos-da-Pessoa-com-Autismo.pdf acesso em: 04 de jan. 2024

NEUROSABER, Atividades sensoriais para crianças com autismo. disponivel em https://institutoneurosaber.com.br/atividades-sensoriais-para-criancas-com-autismo/ acesso em: 17 de nov. 2023.

PIMENTEL, A. G. L.; Fernandes, F. D. M. **A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo**. Audiology: Communication Research, 19(2), 171-178. 2014.

SANCHES, Isabel Rodrigues; SIQUEIRA, Leni Porto Costa. **A inclusão escolar e o transtorno do espectro do autismo**. Revista Comunicações, v. 23, n. 3, p. 167-183, 2016.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.